

Recebido em: 09/01/2024

Publicado em: 18/03/2024

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v5n1.lutoevestuario>

## MORTE, LUTO E VESTUÁRIO NO OCIDENTE

Amanda Gazola Godê<sup>1</sup> Orcid 0009-0008-5041-5286

Jose Valdeci Grigoletto Netto<sup>2</sup> Orcid 0000-0002-8845-3041

**RESUMO.** Desde os primórdios, a morte se faz presente na realidade humana e, devido a essa compreensão, é fato que nascer, crescer, viver e morrer fazem parte daquilo que consideramos ser o ciclo da vida. Ao longo da história, cada sociedade construiu práticas específicas no que diz respeito aos ritos fúnebres, sendo que isso é algo bastante particular e específico de cada cultura. Um destes ritos é a vestimenta, particularmente sendo adotada a cor preta nas culturas ocidentais como a representante do luto e do pesar. Neste caminho, com este estudo buscamos realizar uma reflexão sobre como os temas do luto e do vestuário se interseccionam e produzem efeitos nos espaços institucionais, sociais e subjetivos. Assim, trata-se de uma pesquisa de Revisão de Literatura realizada por meio de busca em base de dados como a *Scientific Electronic Library Online* - SCIELO e o *Google Books*, em que também foram utilizados livros e materiais físicos encontrados em obras que versam sobre a temática. Como resultado, através de uma leitura histórica, podemos encontrar indícios de que as vestimentas características do luto se originaram no contexto inglês do século XIX, por meio da Rainha Vitória, após a perda de seu cônjuge. Ainda, pode-se dizer que a opção pela vestimenta que representasse o luto e o sofrimento dava-se em sinal de respeito à pessoa que morreu, no sentido de que sua memória não seria esquecida. Como conclusão, pode-se afirmar que o luto possui seus atravessamentos nas esferas pessoais, sociais e culturais do sujeito, na medida em que o vestuário representante do luto, mesmo que não tão intenso na contemporaneidade, ainda apresenta efeitos e representações sociais.

**Palavras-chave:** Luto. Vestuário. Tanatologia.

## DEATH, GRIEF AND CLOTHES IN THE WEST

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UniFatecie. E-mail: amandagazola.psi@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Professor no Centro Universitário UniFatecie. E-mail: josegrigoletto@outlook.com

**ABSTRACT.** Since our beginnings, death has presented itself as a human reality and, as we understand it, it is the fact that being born, growing up, living and dying are part of what we consider to be the cycle of life. Throughout history, each society has built specific practices with regard to funeral rituals, and this is something very particular and specific to each culture. Some of these rituals are clothing, particularly suited to the form of Western cultures as representative of culture and weight. In this way, this is how we carry out a reflection in the same way that the themes of clothing and clothing intersect with products that affect our institutional, social and subjective spaces. Thus, this is a Literature Review research carried out through a database search such as the Scientific Electronic Library Online - SCIELO and Google Books, in which books and physical materials found in works that deal with the topic were also used. . As a result, through historical literature, we can find evidence that the clothing features in the book originate from 19th century English, by Queen Victoria, after the loss of her union. Still, we can tell you that there is the option of clothing that represents light and suffering, which is a sign of respect for the weight that is dark, without feeling that your memory does not have a series of images. As a conclusion, we can state that mourning has its passages in the subject's personal, social and cultural spheres, insofar as the clothing representing mourning, although not as intense in contemporary times, still presents deeds and social representations.

**Key-words:** Grief. Clothes. Thanatology.

## **1. Introdução**

Desde os primórdios, a morte se faz presente na realidade humana e devido a essa compreensão, entendemos que nascer, crescer, viver e morrer fazem parte daquilo que consideramos ser o ciclo da vida. Ao longo do tempo, as experiências de morte foram recebendo significados específicos para a humanidade, tal como pontua Ariès (2012), em seu livro *História da morte no ocidente*, descrevendo como a morte era encarada de acordo com a época vivenciada, uma vez que o homem, em seu processo de civilização, buscou atribuir significados para a sua própria morte, como também para a morte do outro.

Diante disso, é preciso lembrar que este fenômeno está fielmente atrelado a questões culturais, pois como afirma Kovacs (2005), o entendimento desta realidade, bem como os rituais e as formas de vivenciar o processo de pós morte, ou seja, o luto, irá variar de cultura para cultura. Para além disso, no pensar de Franco (2021) o enlutado pertence a uma cultura diferente e dotada de particularidades, carregando consigo crenças, valores e experiências que são particulares a ele.

A realidade de perder um sujeito significativo ou de romper-se um vínculo constituem-se situações que deixam marcas profundas em nossa biografia, visto que, a história da perda possui seu início desde os entrelaçamentos entre os sujeitos afetados e/ou objeto/situação significativa para aquele que perde. Para mais, o luto apesar de ser uma experiência que possui comportamentos, sentimentos, emoções e realidades bastantes comuns entre as pessoas, possui ainda, caracteres consideravelmente particulares, uma vez que somos seres de histórias únicas e subjetivas, atribuindo sentido e significado para nossa existência (Franco, 2021).

Uma forma possível de olharmos para a história e conhecer de maneira aprofundada os históricos sobre as experiências de luto é voltarmos-nos para a questão das vestimentas e de como o luto atravessa e compõe o cotidiano das pessoas. Neste artigo, portanto, tem-se como objetivo mencionar uma reflexão sobre o luto, as vestimentas e como a expressão do pesar foi sendo adotada pelas sociedades no que tange ao vestuário.

Soares (2020) reflete que a cor do luto é uma prática cultural e diversificada, comum ao mundo todo, que permite a expressão das emoções frente a perda de um ente. Entretanto, existe algo semelhante em todas as culturas, ou seja, a associação de uma cor que torna-se identificável no rito fúnebre e/ou no período de enlutamento, onde na sociedade Ocidental há a predominância do preto, cor que está associada a ausência de luz, a escuridão, a vida sombria, depressiva, a morte e a destruição. Essa, quando aplicada a vestimenta dos enlutados, remetem-se ao lamento e tristeza, consequência da influência da cultura, religião e também de pessoas com grande poder de instigar a sociedade e a história.

A autora supracitada, afirma que o uso do preto remete-se inicialmente ao Império Romano, passando depois pelas influências da Idade Média, Renascimento e

Era Vitoriana no século XIX, período este fortemente marcado por regras complexas e severas para o público enlutado. Seguindo a linha cronológica, passa-se então o momento da Revolução Industrial, onde a prática referente ao luto se expande por toda a sociedade, principalmente na América do Norte, a qual adotava as tradições estabelecidas pelo Reino Unido. Por fim, chega-se então às influências das duas grandes guerras, que foram responsáveis por diversas alterações na sociedade, e não seria diferente com aquilo que diz respeito ao luto, temática que abordaremos à frente de forma aprofundada.

Na atualidade, falar sobre a morte ainda é considerado um tabu. As pessoas buscam evitar assuntos relacionados a isso, pois acreditam que conversar sobre a mesma irá atraí-la. Desta forma, é possível entender a dificuldade do ser humano, de entrar em contato com o seu fim de vida, e em vista disso, entendemos a importância de aprofundarmos os estudos relacionados a área, para assim, desmistificar algumas ideias, além de possibilitar uma maior compreensão sobre como o significado da morte e tudo aquilo que faz parte dela, tal como suas vestimentas e os lutos por detrás desta vivência, impactam os sujeitos enlutados.

## **2. Metodologia**

Trata-se de um estudo de revisão de literatura realizada por meio de busca em base de dados como a *Scientific Electronic Library Online - SCIELO* e o Google Books. Ainda, utilizou-se livros e materiais físicos encontrados em obras que versam sobre a temática. Este artigo será baseado em uma pesquisa bibliográfica, a qual nos explica Gil (2002), que trata-se de um artigo desenvolvido a partir de fontes bibliográficas, como artigos científicos, publicações em periódicos e livros já publicados acerca da temática.

## **3. O luto: alguns apontamentos pertinentes**

As pessoas ao longo da vida criam laços e vínculos entre elas, sendo isso determinante e significativo para o desenvolvimento humano. Porém, a morte como sendo um processo constante na vida do ser humano acaba por romper com essa ligação entre os indivíduos, ocasionando, então, o luto. Parkes (2009), descreve que a perda das

pessoas que amamos, trata-se de uma fonte de extrema dor, sendo então o amor e a perda, as duas faces da mesma moeda, que caminham juntas, onde não é possível ter um, sem correr o risco de enfrentar o outro.

A partir dos pensamentos de Franco (2021) é possível compreender que o luto é um fenômeno que não deve ser evitado e sim vivenciado, sendo necessário que a perda do objeto amado venha a ser compreendida e elaborada. Para isso, é importante que este seja foco de atenção e cuidado sob a dor, dado que trata-se de um desafio que não possui tempo determinado para se findar, sendo esse período, portanto, gerador de diversas reações emocionais.

Worden (2013) lista algumas reações que influenciam diretamente no bem-estar do indivíduo durante a experiência de luto, reações essas como o distúrbio do sono, apetite, isolamento social, choro frequente, sentimento de culpa e desamparo. Além disso, nos apresenta uma forma a mais de lidar com este fenômeno, a qual está dividida em tarefas que não são lineares, devido ao fato de que o luto consiste em um processo fluido, influenciado por diversos fatores, tanto externos como internos. A essa ideia, é possível que o enlutado se coloque em movimento, buscando assim, a adaptação frente ao elo rompido. Para isso, são quatro as tarefas que compõem essa atividade, sendo a aceitação da realidade da perda, o processamento da dor, o ajustar-se a um mundo sem o ente querido e, por fim, o encontro de uma conexão duradoura com o ente, em meio ao início de uma nova vida.

O autor acima citado nos afirma que a primeira tarefa a ser enfrentada pelo enlutado diz respeito à aceitação da morte, isto é, ter o entendimento pleno de que a pessoa morreu, em concretude. A vivência deste momento exige tempo, uma vez que é necessário que haja uma aceitação intelectual e também emocional, as quais muitas vezes não caminham juntas, pois pode até ser mais “fácil” compreender racionalmente que a morte aconteceu, mas levar a vida adiante, considerando o desejo da presença do amado em sua rotina, é ainda mais complexo de internalizar e dar continuidade, devido ao vínculo envolto nessa relação. A segunda tarefa a ser enfrentada diante do fenômeno luto, consiste no processamento da dor da perda, e a esse ponto, considera-se também a dor física que pode se fazer presente na vida do enlutado, além de englobar todo o sofrimento emocional e comportamental que afeta a vida do indivíduo.

No que diz respeito à terceira tarefa frente a vivência de luto, temos o ajustamento ao mundo sem a pessoa morta. Nesse aspecto, entende-se que são três grandes áreas que precisam passar pela adequação, tal como os ajustes externos, internos e os ajustes espirituais, tarefa essa, crucial no processo de adaptação da perda. A última tarefa trata-se de encontrar uma conexão duradoura com a pessoa falecida diante de uma nova fase da vida, sem sua presença. Para o autor, nada mais é do que dar continuidade no laço que ligava as duas pessoas, entretanto, encontrando novos caminhos que não impeçam o seguimento da vida daquele que fica, seja direcionando o investimento de sua energia a algo voltado para novas situações que tenha relação com o amado, suas inspirações e seus valores, tal como uma espécie de levar o seu legado adiante, ou até mesmo entendendo e abrindo-se a novos vínculos, sem que deixe de amar aquele que já não está presente fisicamente (Worden, 2013).

Considera-se extremamente importante manter vivo tudo de valioso que foi vivenciado juntamente com a pessoa que partiu, as boas recordações e todas as experiências compartilhadas, uma vez que é injusto invalidar toda a trajetória de quem se foi, pois sua contribuição para a formação da personalidade do outro continua viva. Toda essa questão é um processo individual para quem está passando pelo luto e a partir do momento em que se consegue olhar para a situação com essa perspectiva, torna-se mais tolerável atravessar as dores desse processo, por meio da vivência e da adaptação gradativa da situação (Arantes, 2019).

Dando continuidade a linha de raciocínio da autora supracitada, o período de luto pode oscilar entre dois extremos, nos fazendo pensar no modelo proposto por Stroebe e Schut (Stroebe e Schut, 1999), nomeado como “processo dual do luto”, o qual em um primeiro momento pode estar orientado para a perda, onde toda a situação é repleta de intensa dor e sofrimento, além do foco estar direcionado para a tristeza, angústia, vazio entre outras sentimentos, isso devido ao rompimento do vínculo. Para isso, no momento em que o enlutado sentir raiva, desespero, necessidade de chorar, e outras sensações e emoções ligadas ao luto, é importante que seja externalizado aquilo que sentir necessário, uma vez que este ato é libertador e está no caminho para a compreensão, apesar de muitas pessoas não terem conhecimento e simplesmente acabam por abolir o direito do outro, de sofrer.



Entretanto, (Stroebe e Schut, 1999), paralelamente a orientação para a perda, a vida continua e as tarefas do cotidiano batem a porta, episódio esse que está orientado para a restauração, ou seja, é o momento que está relacionado aos afazeres da vida, onde mesmo diante do luto, torna-se possível, por exemplo, cuidar dos pertences do ente querido, como a doação das roupas, e o encerramento da conta bancária, entre outras questões burocráticas. Além disso, existe a necessidade do enlutado responder pelas mudanças que agora há em sua vida, e ainda retornar às atividades do dia a dia, vivenciando e construindo seu processo de restauração e ressignificação da perda, momento esse, que não está isento do sentimento de pesar.

### 3.1 Vestuário e luto

Ariès (2012) traz reflexões sobre como as pessoas se portavam diante da morte na sociedade ocidental. O autor explica essa ideia por meio de alguns momentos históricos, sendo eles: A morte domada; A morte de si mesmo; A morte do outro e; A morte interdita. Os grupos precursores na época da morte domada por exemplo, tinham como cultura encarar a morte de forma a enxergar um evento natural do cotidiano, normalmente os indivíduos morriam em casa, cientes de suas condições, rodeados por seus familiares, inclusive as crianças, em um ritual simples e reservado, podendo expor seus desejos antes da morte, contribuindo com a organização do seu funeral, além de despedirem-se daqueles que desejavam. O sofrimento e o luto das pessoas que ficavam, era breve e nada dramático, tal como complementa o autor.

Consequentemente nos tempos modernos a cultura modificou-se em determinados âmbitos, ou seja, de modo mais frequente as pessoas dão os seus últimos suspiros em um leito de hospital, rodeado de máquinas, longe de suas casas, dos seus familiares e dos seus gostos. Com isso, o luto foi assumindo uma forma mais dramática tanto para aquele que morre, quanto para aquele que fica. Além do mais, as crianças habitualmente costumam não participar mais desses episódios e os enfermos têm cada vez menos participação no seu ritual de morte. Isso se dá muitas das vezes pelo assunto ser evitado, tendo deixado de ser tratado de forma natural, constituindo então um grande tabu (Ariès, 2012).

Em determinada época, de acordo com o autor citado acima, o luto não era mais expressado por gestos ou gritos, mas sim representados por uma cor ou um modelo de

vestes. As vestimentas utilizadas faziam referência até mesmo às condições sociais do sujeito falecido e a cor predominante era o negro, a roupa era longa e com capuz, os quais cobriam parte do rosto. No Sul era identificada como “cogula”.

Ao longo da história, cada sociedade construiu práticas específicas no que diz respeito aos ritos fúnebres, visto que isso é algo bastante particular, tal como afirma Kovacs (2005), variando de cultura para cultura, com o intuito de proporcionar compreensão e elaboração da perda diante do fim da vida. Considerando isso, não seria diferente em relação às vestimentas dos enlutados.

De acordo com Soares (2020), os historiadores postulam que o uso do preto está presente como forma de demonstração de luto desde a época do Império Romano (27 a.C - 476 d.C), onde a família daquele que havia falecido, vestiam-se com uma roupa denominada *Toga Pulla*, uma espécie de roupa preta usada por esse povo, como forma de manifestar o pesar pela perda vivenciada. Além disso, esses indivíduos acreditavam que, vestindo-se assim, o morto estaria impedido de vir assombrá-los. Passado esse período e ascendendo então a Idade Média, volta-se o período religioso, logo, os rituais ganham uma forma cristianizada, sendo assim, o luto ganha um caráter mais dramatizado, com o uso do preto no sentido de falta de luz, tristeza, sofrimento e recolhimento dos sentimentos pela perda que acabara de enfrentar. Nesse sentido, Schimit (2009, 2010, 2017) afirma que era possível expressar o sofrimento pela perda do ente querido, além de representar um sinal de respeito ao morto, sendo portanto, um meio de identificação da perda.

Na Idade Média e também no período Renascentista, havia uma distinção de classes no que diz respeito às vestimentas, nessa ideia, apenas o povo aristocrata e aqueles da realeza usavam o preto como a cor do luto, principalmente as mulheres e as viúvas, as quais deveriam utilizar bonés e véu, como também cocares, joias e medalhões que continham uma mecha de cabelo do ente falecido. Em algumas partes da Europa Medieval, o branco também era utilizado como a cor que simbolizava o luto intenso, como por exemplo na França até a Revolução no Reino Unido até o período Vitoriano (Soares, 2020).

O século XIX, foi uma das épocas mais severas e complexas no que se refere às regras do luto, principalmente na França e Portugal, como também as colônias que deles



pertenciam, ou ainda, países os quais sofriam suas influências. Nessa época, as cores, o tipo de roupa e a forma de se portar, passam a ser aspectos determinantes no luto, como por exemplo, de acordo com (Schmitt, 2017, p. 6):

Na França, sede das boas maneiras e referência de bom gosto para todo o mundo ocidental, o luto tinha regras bem definidas e tempos longos: para viúvas, dois anos no mínimo, sendo o primeiro em luto pesado. Na perda de mãe, pai ou sogros, um ano; de avós, tios, primos, cunhados: três meses. A primeira metade desses períodos, severo; a segunda, aliviado. Não havia prescrição de nojo pelos descendentes (filhos e sobrinhos). A fase do luto fechado pressupunha grande austeridade no comportamento, que se refletia nos usos indumentários. O preto era a cor por excelência e o tecido, a lã.

A partir de estudos realizados por Schmitt (2009, 2010, 2017) é possível notar que as pessoas após perderem um ente querido passavam determinado tempo com trajes pretos, entretanto, no luto vitoriano os tipos de vestuários tornaram-se diferentes para algumas pessoas. As classes sociais influenciavam o vestuário de luto, os quais haviam se tornado moda na época (Século XIX), muitos tecidos utilizados para a criação dos trajes eram caros e por este motivo o utilizavam também, como uma marca de distinção social.

Segundo Santana e Senko (2016), a era vitoriana - 1837 a 1904 - , período marcado pelo reinado da Rainha Vitória, influenciou boa parte do mundo ocidental com seus estilos de vida, arte e indústria, além de ser marcado por grandes momentos de doenças, violências e mortes. Considerando isso e corroborando com Schmitt (2009, 2010, 2017), o luto torna-se uma moda para todos, também sofrendo seus desdobramentos e contendo suas próprias regras, principalmente as que diziam respeito ao vestuário. Este fenômeno estava dividido, portanto, em dois estágios, o fechado (dividido em profundo e ordinário) e o de meio luto. No primeiro, as mulheres enlutadas deveriam usar roupas, acessórios e lenços na cor preta, ficando visivelmente destacado principalmente nas viúvas que também usavam véu preto de crepe, longo, cobrindo todo o rosto como forma de mostrar afeição eterna ao seu falecido marido, além de ficar expressamente proibido o uso de jóias, perfumes e penteados muito elaborados. Na confecção dos vestidos, era proibido ainda o uso de laços, babados, flores e brilhos. Ademais, vale ressaltar que na época os trajes femininos jamais deveriam ser produzidos com materiais como a seda, veludo,

cetim ou brilhantes, sendo indispensável o uso de tecidos discretos, como o algodão, além da necessidade dos acessórios seguirem o mesmo padrão.

**Figura 1:** Rainha Vitória em seus trajes de luto



**Fonte:** Wikimedia Commons

Na era vitoriana, na Inglaterra, finalizado o período de luto profundo, demarcado pelas regras da época, com duração de um ano, iniciava-se a segunda parte do primeiro luto, ou seja, o ordinário. Neste momento, ainda usava-se o preto como a cor referente ao luto, mas era permitido agora, utilizar o branco em locais como punhos e colarinhos. Para mais, a viúva com filhos, que não teria como sustentar a família, poderia casar-se novamente. Poderia ainda, não mais cobrir o rosto inteiro com o véu, podendo ser utilizado para trás, por cima de um *bonnet* (uma espécie de gorro), ou caído sobre o ombro. No que se refere ao material do véu, era permitido a confecção por meio do tule, e caso a viúva quisesse, poderia voltar a usar joias discretas. Por fim, permitia-se o uso de relicários com retratos ou fios de cabelo do falecido, além de joias feitas pelos fios de cabelo recolhidos antes do sepultamento. (Santana e Senko, 2016).

Em relação ao vestuário masculino, as autoras citadas acima afirmam que eles vestiam-se com o clássico traje preto e que ao invés de usar luvas brancas, era preciso

substituí-las pelas pretas, assim como os demais acessórios. Para mais, no que diz respeito às crianças, a mesma autora pontua que as vestimentas não seguiam um padrão específico, pois não era algo obrigatório para elas, podendo ser usado trajes normalmente de cores neutras. Nas palavras de Santana e Sanko (2016, p. 199):

No caso das crianças, o luto era opcional. Mas poderia ser adotado utilizando-se de cores neutras, como cinza ou branco, combinado ou não com preto. Outra prática comum para as crianças era o uso do fumo, ou seja, uma braçadeira negra adicionada sobre a manga em sinal de luto.

No segundo estágio denominado como meio-luto, outras cores eram utilizadas tais como, o cinza, malva, roxo, lavanda, lilás, vermelho nos seus tons mais escuros e o branco na combinação com as demais cores. As jóias, assim como no luto fechado ordinário, também deveriam seguir um padrão e precisavam ser discretas e limitadas. O tempo no meio-luto poderia variar, podendo durar meses, mas ainda assim, haviam pessoas que escolhiam prosseguir com o meio-luto em tempo indeterminado. Além das vestimentas, as enlutadas evitavam realizar certos afazeres durante o período de luto, reduzindo assim, suas atividades sociais, como encontros, festas da sociedade e serviços da igreja (Schimitt, 2009, 2010, 2017).

No Brasil, após a chegada da família Real Portuguesa, houveram algumas mudanças na civilização, onde as pessoas passaram a remodelar o jeito de se portar, de modo que ficasse adequado a posição que ocupavam. Dessa forma, o luto também haveria de passar por mudanças, sendo agora rigorosamente observado pelas pessoas da sociedade que tinham como intuito averiguar se os enlutados agiriam da forma esperada a eles após a perda. Neste momento, todo o rito fúnebre era muito custoso e organizado de maneira que gerasse impacto nas pessoas que assistiam, ao ponto de alguns familiares contratarem sujeitos para que pudessem chorar e engrandecer a morte do falecido (Shimitt, 2017).

Em sua pesquisa de pós-doutorado, a autora citada acima, realizou um levantamento de alguns periódicos do século XIX no Brasil, onde foi possível encontrar algumas revistas que apresentavam textos e sugestões acerca dos trajes e acessórios a serem utilizados por pessoas enlutadas. Segundo Shimitt, sobre um dos jornais que encontrou, detalhado abaixo, a autora destaca que (2017, p. 8):

O jornal trazia recomendações não apenas dos tecidos e das modelagens a serem empregadas no nojo, como também dos acessórios: chapéus diversos,

toucados, sombrinhas, luvas, joias de vidrilho, colarinhos, punhos, bordados para aplicações variadas, gravatas e gravatinhas, cordões para relógio, leques, lenços de assoar, broches, flores de filigrana para os cabelos e também penteados – tudo para o luto completo e adequado. Havia também anunciantes de produtos de luto, como Mme. M. H. Collet, que fazia chapéus, e a Casa das Fazendas Pretas, especializada em tecidos e na confecção expressa de trajas – um serviço importante nos casos de falecimentos imprevistos.

No ano de 1879, o tema surge pela primeira vez o jornal *A Estação – Jornal Ilustrado para a Família*, onde é publicado, em diversos números, as regras de moda que eram aplicadas em Paris, capital da França, no que tange ao período de luto; é assinalado que, no luto pesado, por exemplo, era permitido/recomendado apenas o uso de lã sem brilho ou crepe inglês, sendo proibido o uso de seda e luvas de pelica (Schmitt, 2017).

**Figura 2:** Capa de *A Estação* – 30 de janeiro de 1880, que traz algumas vestimentas para serem usadas no luto



**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira

Schmitt (2017), finaliza pontuando que apesar de aos nossos olhos contemporâneos essas séries de comportamentos no vestir-se e portar-se parecem exagerados, na época tratava-se de algo que acabou tornando-se uma normalidade para a sociedade, onde a demonstração do luto no vestir haveria de ser discreto e, nas palavras da autora, “entediante”. Considerando o cenário de hoje, atitudes como essas, de fato parecem e são extremamente rigorosas, uma vez que atualmente não há regras específicas para a externalização do luto, apenas fazem uso aqueles que querem, e não por serem “obrigados” a portar-se assim.



**Figura 3:** Rainha Elizabeth II veste preto e um véu na morte de seu pai



**Fonte:** Daily Mirror/Mirrorpix/Getty Images

No entanto, não podemos negar ou esquecer que somos sujeitos históricos e que refletimos, na atualidade, resquícios do passado e vamos sendo, a todo tempo, atravessados por perspectivas culturais que moldam novas (ou antigas) formas de pensar, se comportar e sentir.

#### **4. Conclusão**

Por meio deste levantamento bibliográfico traçamos um caminho para a compreensão da morte enquanto um fenômeno que sempre atingiu e atingirá a todos os indivíduos. Desta forma, assegurados pelo que Franco (2021b) nos apresenta, entendemos que o luto consiste em um processo que demanda atenção e cuidado, para que a dor da perda seja então elaborada e ressignificada.

É possível perceber, portanto, que o luto não consiste apenas em demonstrações de afeições tristes, palavras e sentimentos sobre a perda e a dor. Este fenômeno transparece também nos comportamentos das pessoas enlutadas no que diz respeito a suas vestimentas. E como parte dos ritos fúnebres no Ocidente, percebe-se que,



historicamente, as vestimentas eram consideradas fortes influências para representar o luto que o indivíduo estava vivenciando. Ademais, na Era Vitoriana, os trajes serviam para identificar o período de luto que o sujeito estava enfrentando, seja ele o luto fechado ou meio luto. Serviam ainda para revelar a proximidade da pessoa com o falecido, e também para manifestar profundo respeito pela partida do ente, considerações essas que deveriam ser estritamente seguidas pela sociedade.

Compreende-se também, a rigorosidade a respeito do que se usava e do como se portar frente a morte e o luto. Regras essas demonstram o quão significativo e importante era o assunto para aqueles que a colocavam verdadeiramente em prática, dado que trata-se de uma manifestação de respeito e amor para com aquele que morre. Para além disso, essas características das vestimentas citadas neste artigo, demonstram o profundo respeito e cuidado pelo falecimento de um ente querido, que de alguma forma impactou significativamente a história daquele que fica e que então presta suas homenagens e condolências pela sua morte.

## Referências

ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21**. São Paulo: Summus, 2021.

FRANCO, M. H. P. Histórias e trajetórias. *In*: KREUZ, G.; GRIGOLETO NETTO, J. V. (Orgs.) **Múltiplos olhares sobre morte e luto: aspectos teóricos e práticos**. Curitiba: CRV. 2021b.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SkwBgq7Xm8GLKJpQxmMMpDh/?lang=pt#ModalHocite> Acesso em: 27 de jul. 2023.

PARKES, C. M. **Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus, 2009.

SANTANA, L. W. A.; SENKO, E. C. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e artes entre o século XIX e XX. **Diálogos Mediterrânicos**. 2016. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209> Acesso em 02 de out. 2023.

SCHMITT, J. L. de M. A dor manifesta: vestuário do luto no século XIX. **dObra [s]** – revista da Associação Brasileira de Estudos De Pesquisa em Moda, v. 3, n. 5, p. 76–80, 2009. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/312>> Acesso em: 02 de out. 2023.

SCHMITT, J. **Mortes Vitorianas**: corpos, luto e vestuário. São Paulo: Alameda, 2010.

SCHMITT, J. L. de M. **Vestuário e comportamento de luto no Brasil oitocentista**. 13º colóquio da moda. Unesp. São Paulo. 2017. Disponível em: <[https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt\\_04/gt\\_4\\_VESTUARIO\\_E\\_COMPORTEAMENTO\\_DE\\_LUTO.pdf](https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt_04/gt_4_VESTUARIO_E_COMPORTEAMENTO_DE_LUTO.pdf)> Acesso em: 02 de mar. 2024.

SOARES, A. P. N. **As cores do luto**. Mestrado em Design e cultura visual. Lisboa. 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/35142> Acesso em: 02 de mar. 2024.

STROEBE, M.; SCHUT, H. **The dual process model of coping with bereavement: Rationale and description**. *Death Studies*, 23, 197-224, 1999.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**. São Paulo: Koca, 2013.